

MORBUS MORTALIS: EXPLORANDO A CULTURA, CORPUS E ANIMA E A RELAÇÃO SAÚDE-DOENÇA NA IDADE MÉDIA

Valtair Afonso Miranda

Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF)
Valtairmiranda@gmail.com

Vitor Emanuel Correa de Mesquita

Mestrando em Ciências da Religião (UMESP)
vitoor.279@gmail.com

Mateus Soares Parreiras de Freitas

Mestrando em Ciências da Religião (UMESP)
mateus.rhuat@gmail.com

Resumo

O artigo proposto visa aprofundar a compreensão das dinâmicas culturais e comunicativas que caracterizaram a Idade Média, ressaltando a relevância de abordagens interdisciplinares e teóricas para uma análise abrangente da história e da sociedade medieval. Inspirado nas perspectivas de Assmann e Lotman, somos levados a refletir sobre os valores, símbolos e práticas culturais medievais. A doença, o corpo e a alma são proposições recorrentes na Idade Média. Ao mergulharmos nesse contexto histórico, somos instigados a refletir sobre as complexas interações entre diferentes aspectos da vida medieval, incluindo religião, política, economia e vida cotidiana. Por meio dessa análise, buscamos lançar luz sobre as experiências humanas na Idade Média, reconhecendo tanto suas singularidades quanto sua relevância para o entendimento do mundo contemporâneo. Portanto, este estudo visa contribuir para uma visão mais completa e nuançada da Idade Média, destacando sua influência contínua e duradoura em nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Ao investigarmos as dinâmicas culturais e comunicativas desse período, somos capazes de apreciar melhor as complexidades da experiência humana ao longo do tempo.

Palavras-chave: Idade Média; Cultura e religião; Doenças; Corpo e Alma.

Morbus Mortalis: Exploring culture, corpus and anima and the health-disease relationship in the Middle Ages

Abstract

This article aims to deepen our understanding of the cultural and communicative dynamics that characterized the Middle Ages, emphasizing the importance of interdisciplinary and theoretical approaches for a comprehensive analysis of medieval history and society. Drawing on the perspectives of Assmann and Lotman, we reflect on the values, symbols, and cultural practices of the era, with a particular focus on recurring themes such as disease, the body, and the soul. By exploring these themes within the broader context of medieval religion, politics, economy, and daily life, we seek to shed light on the human experience in the Middle Ages, recognizing both its unique characteristics and its relevance to our understanding of the contemporary world. Ultimately, this study aims to contribute to a more complete and nuanced view of the Middle Ages, highlighting its enduring influence on our understanding of ourselves and the world around us.

Keywords: Middle Ages; Culture and religion; Diseases; Body and Soul.

Considerações Iniciais

Na Idade Média, a compreensão do corpo e da alma era profundamente influenciada por crenças religiosas e filosóficas, refletindo uma interação complexa entre memória cultural e concepções de saúde e doença. Iuri Lotman e Jan Assmann ajudam a entender essa relação. Lotman destaca como o diálogo contínuo entre culturas enriquece a memória coletiva, enquanto Assmann foca na importância do cânon – textos sagrados e seculares – na formação dessa memória.

As visões religiosas de pecado e salvação moldavam a percepção das doenças, frequentemente vistas como castigos divinos ou testes espirituais. Tratamentos médicos incluíam práticas rituais, refletindo uma fusão entre conhecimento médico e crenças espirituais. O corpo era visto como um reflexo imperfeito do macrocosmo divino, com a alma sendo considerada eterna e superior. Essa dualidade influenciava não só a religião, mas também as relações sociais e políticas.

A medicina medieval, influenciada por Hipócrates, via a doença como um símbolo de transgressões espirituais e a morte como uma passagem para a redenção. Esse entendimento permeava tanto os rituais de cura quanto as reflexões sobre a finitude e a salvação.

A Idade média, Assmann e Lotman: A memória como referência ao *corpus* e *anima*.

Jan Assmann e Aleida Assmann, estudiosos alemães, oferecem contribuições significativas para o entendimento da memória, tanto em seu aspecto individual quanto em sua dimensão cultural. Suas obras forneceram conceitos sobre como a memória molda as identidades pessoais e coletivas, influenciando não apenas indivíduos, mas também sociedades inteiras.

Assmann distingue entre dois tipos de memória: a memória individual, que é baseada na experiência pessoal e na autobiografia (Assmann, 1995, p. 126), e a memória cultural, que é compartilhada por grupos e sociedades e transmitida através de narrativas, rituais e instituições sociais (Assmann, 1995, p. 127). Uma das principais contribuições de Jan Assmann é a teoria *lieux de mémoire*, que descreve os locais físicos e simbólicos onde a memória cultural é preservada e transmitida. Nela, ele destaca a interconexão entre memória individual e memória coletiva, além das formas pelas quais as experiências individuais são estruturadas e organizadas em contextos sociais mais amplos (Assmann, 1995, p. 126).

Assmann delinea dois principais tipos de memória: a episódica e a semântica. Enquanto a memória episódica se vincula às experiências individuais e vivências pessoais, a memória semântica está associada ao conhecimento adquirido e mantido ao longo do tempo (Kenner, 2014 *apud* Assmann, 2008). Especialmente relevante no âmbito social, a memória semântica carrega consigo significados e valores compartilhados pela sociedade. O autor explora as diferentes formas de estruturação da memória, destacando a distinção entre memória "cênica" e "narrativa". A memória "cênica", mais espontânea e profunda, revela as nuances da experiência psíquica, ao passo que a memória "narrativa", mais consciente e organizada, segue a lógica da narrativa socialmente construída. Contudo, mesmo a memória "cênica" é moldada pela interação com o ambiente social, demonstrando a inseparabilidade entre o indivíduo e sua comunidade (Kenner, 2014 *apud* Assmann, 2008).

Em relação a isso, os Assmann introduzem o conceito de memória comunicativa, que se manifesta na interação dinâmica, no contato e na transmissão.

Para nós, o conceito de “memória comunicativa” inclui aquelas variedades de memória coletiva que se baseiam exclusivamente nas comunicações quotidianas. Estas variedades, que M. Halbwachs reuniu e analisou sob o conceito de memória coletiva, constituem o campo da história oral. A comunicação cotidiana é caracterizada por um alto grau de não especialização, reciprocidade de papéis, instabilidade temática e desorganização. Normalmente, ocorre entre parceiros que podem mudar de função (Assmann, 1995, p. 125).

A memória comunicativa não é suportada por instituições formais de aprendizagem, transmissão ou interpretação. Ela não é cultivada por especialistas e não é formalizada em ocasiões especiais; em vez disso, vive na interação e comunicação cotidianas, geralmente com uma duração limitada de até três gerações (Assman, 2008, p. 111). Assmann (2008) sugere que a memória comunicativa não é institucionalizada, não é apoiada por instituições educacionais ou de interpretação, e não é formalizada por simbolização material. Ela existe na interação diária e tem uma profundidade temporal limitada, geralmente até três gerações ou cerca de oitenta anos. Apesar disso, há "gêneros comunicativos", tradições e laços afetivos que conectam famílias, grupos e gerações (p. 111).

Essa modalidade de memória tem suas raízes na memória do dia a dia, marcada por sua baixa especialização, troca de papéis e variação temática. Embora certos contextos possam moldar sua estrutura e organização, a memória comunicativa não pode ser considerada como um sistema de ideias. É o indivíduo quem a estrutura, porém sua influência é social, guiada pelos acordos de comunicação do grupo (Kenner, 2014).

O caráter específico que uma pessoa deriva de pertencer a uma sociedade e cultura distintas não parece manter-se durante gerações como resultado da

evolução filogenética, mas sim como resultado da socialização e dos costumes (Assmann, 1995, p. 125).

Portanto, a memória não é apenas um produto das relações sociais, mas também é essencial para sua existência. Esta reflexão abre caminho para uma discussão mais aprofundada sobre a importância da memória como um elemento fundamental na construção e manutenção dos laços sociais.

A diferença entre memória comunicativa e memória cultural expressa-se também na dimensão social, na estrutura da participação. A participação de um grupo na memória comunicativa é difusa. Alguns, é verdade, sabem mais, outros menos, e as memórias dos idosos remontam a tempos mais remotos do que as dos jovens. Contudo, não existem especialistas em memória comunicativa informal. O conhecimento que é comunicado na interação cotidiana foi adquirido pelos participantes juntamente com a linguagem e a competência social (Assmann, 2008, p. 114).

Sob a ótica da memória vinculante, a cultura atua como um conjunto de valores e ritos que moldam os indivíduos, embora também ofereça oportunidades para sua reinterpretação e realização. A concepção mais aprofundada da memória coletiva, enquanto não se restringe apenas ao corpo, desempenha um papel fundamental na transmissão da identidade coletiva, na qual a sociedade se reconhece. Bergson (1999) sugere que a memória do corpo, formada pelos sistemas sensório-motores moldados pelo hábito, funciona quase instantaneamente com base na memória verdadeira do passado. Para ele, essas funções não são separadas; a memória do corpo é como uma ponta móvel inserida pela memória verdadeira no plano dinâmico da experiência, resultando em um apoio mútuo entre essas dimensões (Berson, p. 280).

Maurice Merleau-Ponty enfatiza a importância da corporeidade na experiência humana, argumentando que nosso corpo não é apenas um objeto físico passivo, mas desempenha um papel ativo na nossa percepção e interação com o ambiente (Merleau-Ponty, 1999, p. 64).

No estudo da memória pelos Assmann, Jan destaca sua função crucial na preservação da identidade coletiva, abrangendo rituais, narrativas e símbolos compartilhados que moldam a consciência de um grupo. Aleida explora como a memória é influenciada pela seleção e consagração de narrativas, imagens e eventos significativos, afetando não apenas nossa compreensão do passado, mas também nossa identidade e interpretação do presente.

A dimensão ativa da memória cultural apoia uma identidade coletiva e é definido por uma notória escassez de espaço. É construído em um pequeno número de textos normativos e formativos, lugares, pessoas, artefatos e mitos que devem ser ativamente divulgados e comunicados em apresentações e performances sempre novas. A memória de trabalho armazena e reproduz o capital cultural de uma sociedade que está continuamente reciclando aclarado e reafirmado. O que quer que tenha

entrado na memória cultural ativa. A história passou por rigorosos processos de seleção, que garantem para certos artefatos um lugar duradouro na memória cultural de trabalho de uma sociedade. Esse processo é chamado de canonização (Assmann, 2008, p. 100).

O Grupo da Escola de Tartu, influenciado pelos formalistas russos, pelo estruturalismo saussuriano e hjelmsleviano, bem como por teorias da informação e psicologia cognitiva (Machado, 2003, p. 28), priorizou uma abordagem semiótica abrangente em diversos domínios culturais, como literatura, religião e psicologia da percepção. Essa visão considera a cultura como um sistema dinâmico de signos e significados sujeito à análise semiótica.

Lotman, representante dessa abordagem, propõe uma compreensão dinâmica e interdisciplinar da cultura como um sistema complexo de signos em constante diálogo (Kirchof, 2010, p. 65). Ele enfatiza a importância do diálogo entre culturas como uma fonte de enriquecimento mútuo, onde cada cultura mantém sua singularidade, mas se beneficia da interação com outras. Essa perspectiva é complementada pelas ideias de Assmann sobre memória cultural, mostrando como a interação dinâmica entre diferentes camadas culturais enriquece o tecido cultural.

Na Idade Média, as narrativas religiosas e históricas moldaram profundamente a memória cultural, influenciando a compreensão das doenças como manifestações divinas e humanas (Assmann, 2008). O cânon de textos sagrados e seculares desempenhou um papel crucial na transmissão e perpetuação dessas crenças e práticas relacionadas à saúde e ao bem-estar, refletindo a interconexão entre memória individual e coletiva nas sociedades medievais.

O homem do *corpus* à *anima*, e a concepção de saúde-doença

O conceito de saúde e doença, algo que existe desde os primórdios, sempre exigiu do homem uma resposta, por um lado visando formas de expressão, comportamento e ajustamento pessoais e sociais no desenvolvimento do que, posteriormente seria objeto de estudo humano, bem como intervenção, problematização e ajustamento ao que poderíamos chamar de saúde; E neste sentido, sendo ela uma resposta humana ao outro lado da realidade humana, a do adoecimento. A doença por sua vez, além de assaltar a humanidade desde sempre como a busca por “saúde”, ou bem-estar frente ao padecimento, tem este como uma fatal e indissociável condição humana, o sofrimento como inerente ao húmus, aquele que vem da terra. Conforme Rocha Junior (2001), saúde e doença são concepções oriundas de uma carga histórica, cultural, política e ideológica. A revisão dos valores culturais é fonte transformadora do contexto e organização social. A abordagem holística surge a partir dessas

mudanças paradigmáticas. Diante da perspectiva da totalidade, outras dimensões humanas, além das biológicas e sociais, vêm sendo inseridas na compreensão do homem.

No debate sobre o ser humano, é essencial destacar a dimensão espiritual e sua relação com o conceito de saúde. Monteiro et al. (2017) enfatizam que o homem absorve os ensinamentos e valores culturais de sua sociedade. Barreto (2012) complementa, observando que as interações sociais, os papéis socialmente construídos e as normas que regem o comportamento são fundamentais para a construção da identidade humana. A dimensão espiritual desempenha um papel crucial na configuração da personalidade, como introduzido por Fabry (1984), que identifica atributos "noutéticos" na espiritualidade humana, incluindo criatividade, fé, imaginação e busca por sentido na vida, além da capacidade de transcender a si mesmo.

Belo (2008) argumenta que a espiritualidade é um traço universal do ser humano, presente em todas as culturas e regiões, destacando que, mesmo que comumente associada à religiosidade, a espiritualidade pode existir independentemente de vínculos religiosos formais. Panzini et al. (2007) definem espiritualidade como o significado atribuído à vida com base em crenças pessoais e valores que influenciam o comportamento e o estilo de vida de um indivíduo. Esta busca pessoal pode ou não estar relacionada ao sagrado, como Deus ou uma Verdade final.

Por outro lado, religiosidade, segundo Panzini et al. (2007), é caracterizada pela crença em um poder sobrenatural criador do universo e pelo compartilhamento de crenças e práticas religiosas. Jacques Le Goff e Nicolas Troung, em "História do Corpo na Idade Média", desafiam a ideia histórica de que o corpo pertence exclusivamente à natureza, argumentando que ele tem uma história própria e é moldado pelas estruturas econômicas, sociais e mentais da sociedade (Ranhel, 2018).

A relação do homem com diversos fenômenos pode afetar sua saúde de maneira não linear, sendo que a religião/espiritualidade pode ser uma fonte de alívio, bem-estar, desconforto ou estresse, dependendo da forma como cada indivíduo se relaciona com esses aspectos (Panzini et al., 2007). Portanto, é crucial que os profissionais de saúde estejam preparados para lidar com essas questões de maneira respeitosa e sensível à individualidade de cada paciente.

Embora as discussões sobre a relação entre religiosidade e saúde sejam contemporâneas e relevantes, ao longo da história houve diversas concepções sobre saúde e espiritualidade. Este estudo se concentra na análise específica das concepções de saúde, doença, representações corporais e o conceito de alma na Idade Média, explorando as influências do cristianismo nessas construções.

As representações corporais na Idade Média

Ainda sobre a conceituação e problemática envolvendo a corporeidade na Idade Média, destacamos alguns elementos fundamentais. Ranhel (2018) salienta a importância do contexto temporal e da influência do cristianismo, conforme apontado por Jacques Le Goff e Nicolas Troung: "Desde o triunfo do cristianismo nos séculos IV e V, a Idade Média provocou uma revolução nos conceitos e práticas corporais." Bachet (2006, p. 409) complementa que houve uma forte relação dialética entre corpo e alma na época medieval, sem uma separação clara, dentro do esquema de salvação cristã.

A dualidade corpo-alma configurava uma concepção não dualista do ser humano, influenciando representações religiosas, sociais, culturais e políticas. A partir do século XIII, ocorreram mudanças que reavaliaram a relação e hierarquia entre corpo e alma, com uma nova valorização dos aspectos corporais. Este período também testemunhou o desenvolvimento do conhecimento médico e um interesse crescente pela anatomia corporal, além das concepções sobre a morte e os corpos mortos, especialmente os dos santos, que se tornaram elementos de ligação entre o homem, Deus e o espaço em que viviam.

Durante a Idade Média, doenças como a lepra e a peste desafiaram as sociedades e mentalidades religiosas, refletindo tanto condições sociais quanto valores vigentes. Enquanto a lepra era vista como um mal lento e individualmente devastador, a peste representava um flagelo repentino e coletivo, marcando uma época de impotência frente à medicina. As causas das doenças eram frequentemente interpretadas de forma religiosa, mas no final do período medieval, com epidemias crescentes, surgiram teorias sobre o contágio entre humanos e causas como influências astrológicas, envenenamento de águas e bruxarias.

A transição para o Renascimento viu o surgimento da teoria miasmática e o início de estudos empíricos sobre as origens das doenças, culminando na era da bacteriologia no século XIX. Segundo Ranhel (2018, p. 14), durante a Alta Idade Média (séculos V-X), houve um

esforço para hierarquizar corpo e alma, com a alma sendo vista como superior ao corpo, este considerado uma prisão carnal imperfeita.

Paul Zumthor relaciona este sistema dual à percepção medieval do homem em relação ao espaço, onde o corpo se torna o local de manifestação do invisível, integrando experiências coletivas e sensoriais. Desde então, o alto é associado a seres sobre-humanos, vida e amor, enquanto o baixo é visto como o domínio dos demônios, morte e pecados. Em síntese, abordamos os principais aspectos da corporeidade na Idade Média, destacando sua complexidade e as transformações ao longo do tempo, desde um contexto fortemente influenciado pelo cristianismo até a transição para novos paradigmas científicos e sociais.

O controle do corpo pode ser entendido como mais antigo que a Idade Média. Jacques Le Goff e Nicolas Troung, citando o grande historiador Paul Veyne, especialista em história antiga, afirmam que desde a antiguidade tardia, mais especificamente no século II d.C. pode-se observar o início do controle e desprezo pelo corpo entre os romanos. Sendo assim, a moral cristã do controle do corpo na Idade Média é fruto também de tempos mais antigos. Ainda segundo Le Goff e Troung: “Estabelece-se uma hierarquia entre os comportamentos sexuais lícitos. No mais alto grau está a virgindade, que, em sua prática, é denominada castidade. Depois vem a castidade na viuvez e, enfim, a castidade no interior do casamento. Portanto, na Idade Média, corpo se tornou local de desejos, profanação e danação, fonte dos pecados e da decadência humana, mas, ao mesmo tempo, essencial dentro da lógica da salvação eterna e da ressurreição em Cristo.

A medicina Medieval e a doença simbólica na fisiologia da Idade Média

A discussão sobre a medicina medieval é essencial para compreender o desenvolvimento da medicina antiga, especialmente a medicina grega e a teoria dos humores de Hipócrates, onde os quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra) deveriam estar equilibrados para manter a saúde.

Segundo Pouchelle (2006), a doença na Idade Média estava relacionada tanto a poderes sobrenaturais (como Deus, diabo e santos) quanto a poderes humanos (como feiticeiros e feiticeiras). Este fenômeno tinha uma função ambígua na lógica cristã, sendo vista como símbolo de pecado e castigo justo, ao mesmo tempo que representava a virtude e o amor de Deus, testando a fé dos cristãos e incitando à conversão individual ou coletiva.

A simbologia da fisiologia humana na Idade Média revela um entendimento peculiar do corpo, onde a cabeça representava Cristo como líder espiritual, enquanto o coração era visto como o centro das decisões racionais e morais. De acordo com Le Goff e Troung, a dualidade corpo/alma foi substituída pela dualidade corpo/coração, com o coração absorvendo aspectos espirituais do ser humano. Na medicina medieval, a influência religiosa era dominante, mesmo havendo críticas à autoridade da Igreja. As doenças eram frequentemente interpretadas como consequências de transgressões espirituais, como no caso da lepra, vista como uma doença da alma originada de pecados como relações sexuais durante períodos de jejum e penitência.

Fava (2000) destaca que as doenças eram atribuídas ao pecado, sendo o corpo considerado o receptáculo de defeitos e pecados, enquanto a alma era vista como o depósito de valores espirituais e racionais. Exemplos bíblicos, como o caso de Míriam, irmã de Moisés, refletem essa concepção, onde a doença de pele é vista como castigo e curada após arrependimento.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo trazer à tona a temática proposta, na qual, por meio das percepções dos teóricos Assmann e Lotman, podemos compreender como a cultura e a comunicação desempenham papéis fundamentais na construção e na transmissão de significados ao longo do tempo. Ao explorarmos as ideias desses autores, percebermos como os sistemas simbólicos e os processos comunicativos moldam as nossas visões de mundo, influenciando não apenas as práticas sociais, mas também as concepções sobre saúde, doença e morte na sociedade medieval. Aprofundar-se na compreensão da doença, morte e medicina durante a Idade Média é adentrar em um vasto panorama de interações entre crenças religiosas, simbolismo cultural e práticas sociais que moldaram profundamente a visão de mundo da época. A doença não era apenas um fenômeno corpóreo; era interpretada como um sintoma das transgressões espirituais, uma manifestação tangível do pecado e da necessidade de redenção.

Nesse contexto, o cuidado com os doentes não se limitava à dimensão física; era também uma busca pela cura espiritual, onde as instituições religiosas desempenhavam um papel preponderante. Da mesma forma, a morte, vista como o término da jornada terrena, era permeada por uma carga simbólica e religiosa profundamente enraizada na cultura medieval. Os rituais fúnebres e as representações da morte não apenas refletiam a aceitação da finitude

humana, mas também almejavam a preparação para a jornada espiritual após a morte. Era uma transição ritualizada, onde os vivos buscavam não apenas honrar os mortos, mas também refletir sobre sua própria mortalidade e destino final.

Portanto, examinar esses aspectos revela não apenas a complexidade das interações entre medicina, religião e cultura na Idade Média, mas também oferece insights profundos sobre as preocupações e mentalidades da época. A espiritualidade e a busca pela redenção emergem como elementos fundamentais em meio às incertezas da vida e da morte, delineando não apenas práticas sociais, mas também os próprios fundamentos da existência medieval.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Aleida. Canon and Archive. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin: Walter De Gruyter, 2008.
- ASSMANN, J. (2016). **Memória comunicativa e memória cultural**. História Oral, 19(1), 115–128. Recuperado de <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>
- ASSMANN, Jan. **Collective Memory and Cultural Identity**. New German Critique, n. 65, 1995.
- _____. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin: Walter De Gruyter, 2008.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KIRCHOF, E. R. (2010). **Yuri Lotman e semiótica da cultura**. Revista Prâksis, 2, 63–72. <https://doi.org/10.25112/rp.v2i0.703>
- LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 16.
- MACHADO, Irene. **Escola de semiótica: A experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 2003.

- PICHLER (PUCRS/UPF), N. A. (2008). **A NATUREZA DA ALMA INTELECTIVA EM TOMÁS DE AQUINO**. *Intuitio*, 1(2), 257–273. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4002>
- POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 153-15
- RANEL, AS. **História Do Corpo Na Idade Média: Representações, Símbolos E Cultura Popular**. *Veredas da História*, [online], v. 11, n. 1, p. 10-31, jul., 2018, ISSN 1982-4238
- SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- TERRA, Kenner Roger Cazotto. **Memória, texto e cultura: interpelações para a leitura dos textos sagrados**. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 1 • 66-86 • jan.-jun. 2014 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078 DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n1p66-86>
- ZUMTHOR, Paul. **La Medida del Mundo, representación del espacio em la Edad Media**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A. 1994. p. 20